



## **DIÁLOGOS ENTRE O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE**

Janekelly dos Santos Sousa<sup>1</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba  
Patrícia Cristina de Aragão Araújo<sup>2</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba

### **INTRODUÇÃO**

Ao tratar-se da História da África nas salas de aula, percebe-se uma resistência tanto de professores quanto de alunos em relação ao tema. A África é compreendida como um grande continente marcado pela fome, doença e miséria. A imagem que é lançada sobre ele é o resultado de nossa visão ocidental-cristã. Imagem esta que acarreta o surgimento de preconceitos e estereótipos negativos. O aluno depara-se com a África que os ocidentais tendem a reproduzir, com o continente homogeneizado fruto de uma visão eurocêntrica.

É necessário que o professor em sua prática pedagógica venha a despir-se de toda e qualquer forma de preconceito, para assim, entender a História da África em sua pluralidade e complexidade, uma vez que o continente africano é diversificado em países, paisagens, linguagens, etnias, hábitos, religiões, estilos, costumes, construções, moradias, entre outros.

Daí o desafio: Compreender a África em sua diversidade e grandeza, reconhecendo-a como símbolo/marco da História da humanidade, analisando-a enquanto espaço de sociabilidades e lugar de memória. Para isso, Oliva afirma: “temos que, inicialmente, reconhecer a relevância de estudar a África, independente de qualquer motivação” (OLIVA, 2007, p.30). A sociedade brasileira necessita assumir a sua africanidade, reconhecer que somos o resultado de uma mistura que envolve entre outras, a cultura africana. É neste momento que o profissional de História e outros devem colocar-se como agentes responsáveis por está

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba. (Email:jane-kely2011@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Professora da UEPB. (Email:cristina-aragao21@hotmail.com.)



conscientização, “devemos conhecer a África não apenas para dar notícias aos alunos, mas internalizá-la neles” (Idem, p.30,31).

Entendemos que um dos grandes desafios se encontra na formação docente, o futuro profissional necessita ser preparado para lidar com esta questão. Caso contrário, tenderá a reproduzir o que já está pré-estabelecido pela sociedade. O professor em sua prática pedagógica necessita mudar de escala, tal como afirma Revel (1998), pois só assim, poderá perceber no ensino de História da África aquilo que antes estava imperceptível.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho é uma pesquisa bibliográfica, em que analisamos o ensino de História da África, tendo como objeto, a prática pedagógica docente. Foram realizadas leituras teóricas que vieram a identificar a África em sua complexidade e pluralidade, sendo seguidas pela noção que o continente africano não é invisível, mas fora invisibilizado por discursos eurocêntricos e preconceituosos. Num segundo momento, a pesquisa deteve-se na abordagem ao livro didático, este, identificado enquanto ferramenta pedagógica para auxílio docente e construtor de saberes históricos africanos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Uma das questões relacionadas ao ensino é o como ensinar. O docente, ao trabalhar com a História da África deve inserir-se na busca por conexões, articulações, que venham mostrar ao aluno o seu lugar enquanto protagonista, sujeito e até mesmo personagem principal. Ele é o agente responsável por estabelecer comparações entre o aluno e o africano, entre o passado e o presente. Concernente à imagem ocidentalizada do africano, Leila Hernandez (2008) afirma:

Os africanos são identificados com designações apresentadas como inerentes às características fisiológicas baseadas em certa noção de etnia negra. Assim sendo, o termo *africano* ganha um significado preciso: negro, ao qual se atribui um amplo espectro de significações negativas como frouxo, fleumático, indolente e incapaz, todas elas convergindo para uma imagem de inferioridade e primitivismo. (HERNANDEZ, 2008, p.18)



Todavia, esta imagem vem sendo desmistificada por parte de pesquisadores interessados na temática. O africano passa a emergir enquanto protagonista histórico, assumido uma identidade autônoma e relevante. Assim sendo, o professor inicia a importante tarefa de alertar o aluno para as representações feitas dos europeus pelos diversos grupos africanos, e o reconhecimento da “participação ativa e a autonomia das sociedades africanas perante as relações estabelecidas com outras sociedades”. (OLIVA, 2007, p.43)

Nesta perspectiva, entendemos e visualizamos o docente como um semeador, aquele que lança a semente da mudança sobre seus alunos. Embora a mídia, com seu aparato tecnológico e imagético reproduza um discurso estereotipado sobre o continente africano e haja com descaso para com a História da África e dos africanos, ainda assim o bom professor configura-se em peça-chave para a mudança educacional. Ele pode e é capaz de influenciar a visão de mundo de seus alunos, é um agente transformador, alguém cuja práxis pode interferir, até mesmo, na formação pessoal do alunado.

Então, onde se encontra o problema? Acreditamos que o descaso para com o ensino de História da África é fruto de nossa visão ocidental, eurocêntrica e cristã, concepção esta que está enraizada no seio social e se configura como discriminatória. Segundo Oliva (2007) a falta de interesse da Academia, o despreparo de professores e a desatenção de editoras pelo tema também contribuem para este fim. Dessa forma, a práxis docente adquire a responsabilidade de transmitir com eficiência a história da África em sua diversidade e complexidade.

Considerando que vivemos dentro de estruturas sociais, tal como afirma Lévi-Strauss, entendemos a escola enquanto estrutura de poder que está submissa ao Estado. Este atua como uma força “dominante” que rege as normas curriculares. Nesta perspectiva, o livro didático constitui-se em importante ferramenta pedagógica no processo de ensino-aprendizagem.

Ao tratar sobre a História da África percebem-se as disparidades contidas nos manuais didáticos em relação ao tratamento destinado a esta temática e a história da Europa. Isso quer dizer que, muito se fala sobre a história do ocidente, enquanto



a História da África é ensinada de forma superficial, chegando até mesmo a ser silenciada. Daí o historiador Oliva (2007) afirmar:

os capítulos que tratam de temas como Europa Medieval, Absolutismo Monárquico, Reforma Religiosa e Renascimento Cultural ocupam em média de 15 a 20 páginas e vasta bibliografia, à História da África, na maioria dos casos, reserva-se algo entre 10 a 15 páginas, e com uma literatura de apoio restrita. (OLIVA, 2007, p.32)

O livro didático é um mecanismo de apoio ao professor, vem auxiliá-lo em sua prática pedagógica, e torna-se uma ferramenta base no estudo da história. Levando em consideração ser um instrumento base, o docente parte dele para o desenvolvimento sistemático do tema. Não se limita. Mas compreende que apenas um manual didático não abarca de forma completa toda a riqueza de conhecimento acerca da História da África e outros temas. Como historiador, tem a consciência que o livro didático é subjetivo, a escolha dos temas parte de um lugar social, de um contexto histórico, e está imbricado em relações de poder e saber. Resultando assim, em um olhar crítico sobre ele.

Tendo o manual didático como ponto de partida, o professor deve dispor de outros mecanismos que facilitam e instigam a aprendizagem. A ida à biblioteca para pesquisa é uma alternativa pedagógica, uma vez que, existem diferenciações significativas entre livros didáticos. O aluno, parte do seu manual didático para outros manuais, descobre livros, investiga outros enfoques da História Africana que não são abordados em seu material e cria para si um momento dialético. Além da biblioteca, muitas escolas dispõem de uma Sala de Informática, onde a partir dela o aluno/pesquisador descobre e se aprofunda na temática escolhida. Sendo assim, embora o ensino de História da África nos livros didáticos transmitam informações equivocadas e até mesmo imprecisas, vale ressaltar que o profissional de História dispõe de outros mecanismos em sua prática docente.

É interessante perceber que, assim como o livro didático se constitui enquanto base para a construção do conhecimento, ele também pode vir a aprisionar na medida em que o profissional não dispõe de outros recursos. Essa dificuldade é notável em diversas regiões brasileiras, onde o acesso a escola se constitui em obstáculo, e esta mesma escola é “esquecida” pelos órgãos públicos em detrimento de questões políticas. Aprisiona também, quando o profissional se limita apenas ao



manual para desenvolver suas aulas. A inércia do docente prejudica o processo de ensino-aprendizado. O professor necessita instigar a inteligência de seus alunos, tornando-os mentes pensantes/críticas.

Percebendo que o manual didático apresenta diversas falhas quanto ao ensino da História da África e dos africanos, entendemos que tal material constitui-se em artefato cultural, fonte histórica, lugar de memória, política pública e curricular, além de ser uma linguagem que trabalha outras linguagens, daí sua grande importância no trabalho docente e na construção de um saber histórico africano.

## CONCLUSÃO

Tornou-se notável a presença de dois grandes problemas no ensino de História da África. O primeiro, diz respeito ao conteúdo ministrado, que por sua vez, é tratado superficialmente; e o segundo, concernente ao próprio discurso docente que nega a cultura africana a partir de sua fala homogênea, estereotipada, folclórica e simplista. Dessa forma, precisamos entender que, enquanto a prática pedagógica docente não mudar, jamais iremos experimentar uma mudança significativa em nossas escolas, tampouco na visão de nossos alunos.

## REFERÊNCIAS:

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na Sala de Aula: visita à história Contemporânea**. 3. ed. São Paulo: Selo Negro, 2008.

OLIVA, Anderson Ribeiro. O Ensino da História da África em debate (Uma introdução aos estudos africanos). In: **Lições sobre a África: diálogos entre as representações dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino da História da África no Mundo Atlântico (1990-2005)**. Tese de Doutorado em História. Brasília: UnB, 2007.

REVEL, Jacques. Micro análise e construção social. In. **Jogos de escalas. A experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: EdFGV, 1998, p. 20.

FREITAS, Cezar Ricardo de; PELETTI, Amilton Benedito; Souza, Adriele Cristina de. Livro didático e o ensino de história: professor, mero apêndice do instrumento de trabalho? In: **Anais do 5º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais**. Cascavel, out. 2011.